

PRIORIDADES DE TRABALHO

GRUPO: BERÇÁRIO

Qual a idade ideal para iniciar a convivência em grupo?

Nós, do CLIC, acreditamos que, desde que nascem, as crianças já são capazes de emitir sinais de comunicação e assim interagirem umas com as outras. Temos observado que, ao contrário do que afirmam vários especialistas, os bebês não estão condenados a viverem fechados em seu próprio mundo, sem receber estimulação social, até a conquista da marcha e muito menos da linguagem oral. Esta questão inclusive nos remete à diferença entre CRIAR= cuidar, oferecer condições de sobrevivência; e EDUCAR, ato mais abrangente e formador de seres humanos.

Nossa experiência aponta a que, dentro de condições adequadas – a saber, número reduzido de bebês, espaço interno e externo acolhedores e seguros, educadores preparados para administrar o relacionamento do bebê com o meio ambiente e com as outras pessoas, proposta de trabalho aberta – bebês muito jovens podem – e devem! - estabelecer interações com seus iguais e que isto pode contribuir significativamente para seu bem-estar físico e sobretudo emocional.

Assim, a prioridade de nosso trabalho no Berçário é justamente oferecer aos bebês a oportunidade de, através do Lúdico, da Interação e da Cultura, ir construindo pouco a pouco suas pontes de ligação entre EU e NÓS.

Não é raro observarmos condutas interativas entre eles: as “lalações” (balbucios dos bebês já com sons determinados da língua materna) dirigidas aos coleguinhas e às educadoras; os movimentos que acompanham a música produzida no ambiente; as risadinhas quando algum adulto diferente aparece na porta da sala; os gritinhos de prazer quando aceitam a Shantala ou então o choro quando não a querem... as imitações de ações dos educadores para com os coleguinhas. Tudo isso reforça nossa idéia de que é um privilégio para os bebês poderem conviver uns com os outros num ambiente agradável, capaz de estimular a produção de um verdadeiro encantamento pelos outros.

O dia-a-dia no Berçário é muito simples: não temos horário de atividades pré-determinado, nem técnicas desta ou daquela estimulação sensorial. Apenas acompanhamos o ritmo natural dos bebês, cantamos muito, brincamos, buscamos situações de descoberta, seguimos o ritmo do grupo sem impor quaisquer condições. Os cuidados de higiene e alimentação são realizados de forma lúdica e prazerosa, pelas próprias educadoras com quem os bebês já estabeleceram um vínculo de confiança e de afeto, sem os exageros comuns a instituições assistenciais. Não se

veste de branco para lidar com bebês! Embora possuam ainda mecanismos de defesa mais frágeis, o que requer certas peculiaridades, estas não são completamente diferentes das que qualquer ser humano merece: respeito aos horários (rotina), limpeza, atenção, calma, paciência. O fato é que, quanto mais se procura preservar o bebê da vida (tanto física quanto emocionalmente), menos defesa ele constrói e assim vai se tornando mais e mais suscetível a doenças.

Um bebê saudável é um bebê a quem se possibilita soltura e naturalidade suficientes para lançar-se na descoberta de um mundo inteiramente novo.

PRIORIDADES DE TRABALHO

GRUPO: MATERNAL I

Geralmente, a entrada no Maternal I coincide com a entrada da criança em seu primeiro grupo social permanente extra-familiar. Mesmo as crianças que freqüentaram o berçário não deixam de vivenciar esta situação como algo novo, já que também para elas as mudanças são muitas (o espaço da sala, a quantidade de coleguinhas com os quais precisa aprender a dividir a atenção do adulto, a introdução de novas atividades, os deslocamentos para outras partes da casa, etc).

Dentro deste quadro, organizamos nosso trabalho no sentido de garantir às crianças o suporte de que necessitam para realizar esta passagem – família/CLIC - da forma mais tranqüila e ampla possível. Trata-se de uma delicada construção diária, já que temos consciência de que, mesmo numa idade tão tenra, já estão presentes as vicissitudes da formação dos grupos sociais. Não é nossa intenção impor a elas hábitos, habilidades e condutas pré-estabelecidas, pelo contrário: nossa atenção é toda voltada à construção dos mesmos junto com elas. É claro que é função dos adultos responsáveis – os educadores – nortear estas construções. Mas isto não significa absolutamente “fazer por elas”, impedindo-as de construir, desacreditando em sua capacidade criativa e social.

Assim, são objetos de trabalho do Maternal I: as cadeirinhas e mesinhas (aprender a sentar-se à mesa), a colher, o pratinho (alimentar-se com autonomia), as caixas de brinquedo (organizar e re-organizar objetos utilizados), os materiais escolares estruturados (experimentar suas possibilidades plásticas), o pinico, o vaso, o lavatório, enfim tudo que possa significar construção de bons hábitos sociais.

Com relação às habilidades, estamos o tempo todo atentas a desafiar as crianças neste sentido, em vários âmbitos (físico, intelectual, emocional, social): os deslocamentos (jamais fazemos filas ou coisa parecida durante os deslocamentos para que as crianças possam experimentar cada um amplamente, em relação a tempo de duração, características do espaço – inclusive obstáculos – direção, etc.); as brincadeiras; as atividades rotineiras (roda, hora da história, desenho, hora do lanche...), tudo isso deve ser cuidadosamente articulado dentro do objetivo principal que é desenvolver a autonomia e a reflexividade.

Por fim, a construção de condutas, que representa a base inclusive dos dois eixos citados anteriormente. A conduta de uma pessoa é articulada segundo seus sentimentos em relação ao outro. É o protótipo da Ética, da Moral, que são engendradas a partir destas primeiras experiências. Para nós, é papel fundamental dos educadores administrar bem essas condutas, oferecendo recursos a que as crianças aprendam a conviver em harmonia umas com as outras, pautando suas intervenções no sentido de que, passo a passo, possam elas mesmas resolver situações de conflitos sociais (o que

fazer quando um coleguinha bate/incomoda? O que vale? O que não vale? ...)

Para concluir, um trecho do psicanalista Winnicott:

“A função do Maternal não é ser um substituto para uma mãe ausente, mas suplementar e ampliar o papel que, nos primeiros anos da criança, só a mãe desempenha. Uma escola maternal será possivelmente considerada de modo mais correto uma ampliação da família ‘para cima’ em vez de uma redução da escola fundamental ‘para baixo.’”

PRIORIDADES DE TRABALHO

GRUPO: MATERNAL II

“A vida nos empurra para transformações, para aprendizagens e enriquecimentos e para a mudança, quando estamos permeáveis a seus chamados e atentos a suas lições” (Ênio Brito Pinto, psicopedagogo)

Enquanto no Maternal I as crianças experimentaram seu primeiro contato com um grupo social permanente extra-familiar e foram desafiadas a construir os primeiros hábitos, habilidades e condutas dentro deste grupo, no Maternal II estão mais aptas a ampliar suas conquistas, avançando rumo à construção da autonomia.

No início do Maternal II, além de já terem estes hábitos, habilidades e conquistas suficientemente garantidos, estão bem mais seguras em relação ao controle dos esfíncteres (embora este ciclo ainda não esteja completamente fechado, já que se encerra em definitivo ainda por volta dos três anos), sua linguagem já adquiriu vocabulário e expressão suficientes para se fazer entender com mais clareza e seu raciocínio vai penetrando cada vez mais num pensamento simbólico (já conseguem pensar por mediações – verbais ou de imagem - e não mais tão-somente por ações práticas). Mesmo com todas estas mudanças, ainda estão emocionalmente ligadas a um período bem recente em suas vidas: o tempo em que eram bebês.

É no Maternal II que se faz a passagem definitiva entre um estado de bebê e outro mais avançado, de criança pequena. Esta passagem, obviamente, é iniciada no Maternal I, mas é aos dois anos que a própria criança passa a se sentir imbuída da difícil tarefa de convencer o mundo, e principalmente seus pais, de que já é capaz de “tomar para si o próprio eixo”. Os ícones de bebê cedem lugar a representações de crianças maiores: vão havendo muitas substituições – muitas vezes vividas como perdas – em suas vidas. É função fundamental dos educadores acreditar em sua potencialidade, estimulá-las a “dar conta” de cada vez mais coisas por si mesmas, apresentar novos recursos de estratégias e de condutas mais “maduras”, questionar condutas regredidas, incentivá-las a penetrar num mundo social mais amplo e também mais desafiador, sem a presença “onipotente” dos pais/adultos/protetores.

As atividades culturais são também bastante estendidas e cada vez mais estruturadas (roda, desenhos, hora da história, modelagens, construções...) Nas brincadeiras, aparecem inúmeros conteúdos de faz-de-conta, onde elas vão elaborar todas estas questões de maneira lúdica e prazerosa. Trabalhando a construção de um grupo incipiente, o educador lança mão constantemente desse material para veicular regras, limites e valores que ainda fazem parte de um universo heterônomo (baseado no olhar do outro querido). Ou seja, estas crianças, que ainda não são capazes de exercer sua autonomia plena, precisam muito de referências de autoridade (e não de autoritarismo ou de super-proteção) exatamente para virem a conquistar esta autonomia no futuro, quando se tornarem aptas a tomar decisões por si mesmas.

No Maternal II, é prioritário para nós acompanhar e incentivar as crianças nessa “passagem”, encorajando-as a refletir logicamente e proporcionando enorme variabilidade em seus recursos de expressão. Nossa opção pelo lúdico como base se apóia em nossa crença de que nele convergem o raciocínio (ciência/cognição) e a arte (criação/emoção); o físico (movimento) e o psíquico (desenvolvimento); o social (grupo/semelhanças) e o singular (indivíduo/diferenças); o concreto (objeto) e o abstrato (sujeito). É prioritário que estas crianças aprendam a brincar com as outras, respeitar limites, controlar a agressividade e ser cada vez mais curiosas, sentindo-se importantes, livres e queridas.

PRIORIDADES DE TRABALHO

GRUPO: MATERNAL III

“A escola dos pequeninos tem de ser um ambiente livre, onde o princípio pedagógico deve ser o respeito à liberdade e à criatividade das crianças. Nela, os pequeninos devem poder se locomover, ter atividades criativas que permitam sua auto-suficiência e a desobediência e agressividade não devem ser coibidas e, sim, orientadas, por serem condições necessárias ao sucesso das pessoas”. (Dr. Antônio M. Lisboa, pediatra)

Ao entrar na escola, a criança não deixa de lado a vida afetiva que vivia no lar. Ao contrário, ela está ali para ampliá-la, relacionando-se com os educadores e com outras crianças, de diversas idades, com valores culturais e familiares diferentes dos seus. Qualquer aprendizagem está intimamente ligada à vida afetiva. Portanto, não cabe à escola minimizar esta vida afetiva, mas sim ampliá-la, criando um ambiente sócio-afetivo saudável para as crianças. Este ambiente é que norteará suas conquistas culturais.

No Maternal III, as crianças já têm autonomia suficiente para serem desafiadas a refletir sobre as diversas situações do dia-a-dia em grupo, suportar pequenas frustrações e tomar cada vez mais suas próprias decisões. É papel fundamental do educador, de um lado, manter-se como referência de autoridade para elas (precisam estar seguras de que estão sob os cuidados de um adulto forte que não se curva a seus desmandos, frutos de sua recém-descoberta da autonomia) e, de outro, favorecer suas iniciativas e elaborações em diversos campos – afetivo, cognitivo, social. Para isso, é necessário acreditar na criança, apostar em sua capacidade de adaptação e de criação, confiar nela como sujeito, propondo desafios constantes e cada vez mais amplos, sendo, além de afetuoso, exigente, firme e, sobretudo coerente.

É prioridade para nós trabalhar com as crianças pelo viés do afeto, tendo o universo simbólico como via de acesso ao mundo imaginário das mesmas. Pois, é através das brincadeiras simbólicas que as crianças irão compreender as relações sociais e a organização do mundo à sua volta. O educador deve conservar as características maternas necessárias ao acolhimento dos medos, angústias, prazeres e desprazeres das crianças, com o objetivo de ajudá-las a penetrar neste mundo sócio-cultural muitas vezes sentido como ameaçador.

A bagagem cultural acumulada pela humanidade em suas diferentes formas de expressão é trazida às crianças de maneira “não-escolarizada”, ou seja, assim como aparece na comunidade, sem traduções ou adaptações. É no dia-a-dia do CLIC que elas têm acesso às várias formas de manifestações culturais e podem dar significado próprio às mesmas, em seu devido tempo, sem pressão, com curiosidade e espontaneidade, via lúdico. Também é aqui, dentro de seu grupo social, que poderão produzir cultura, enquanto sujeitos que são.